



SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

DIRECTOR  
AUGUSTO**O SECULO**DE SANTA  
RITASANTO ANTONIO  
MILAGROSO

POR MARIA dos MILAGRES

**A**-PESAR-DE muito nova, quatorze anos sòmente, a Maria da Luz era uma sensata e ajuizada rapariguinha. Perdera a mãi muito cedo e, por isso, tinha-se visto obrigada a encarar a vida pelo seu lado sério, na idade em que tódas as crianças só pensam nos brinquedos e divertimentos. Vivia com o pai, um operário trabalhador e honesto que adorava a sua Luizinha, como êle dizia, e que só para ela vivia.

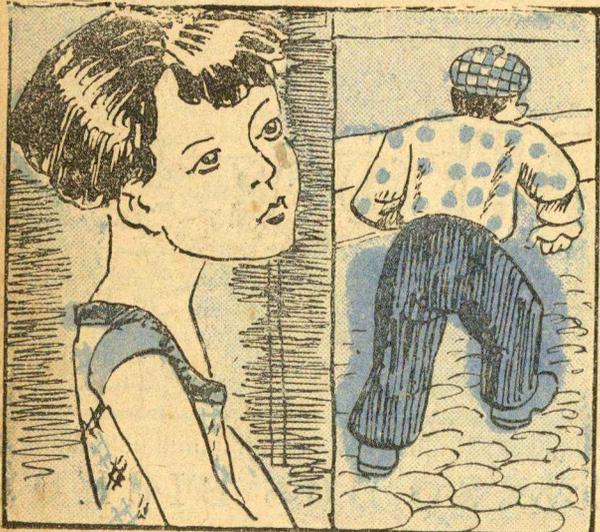
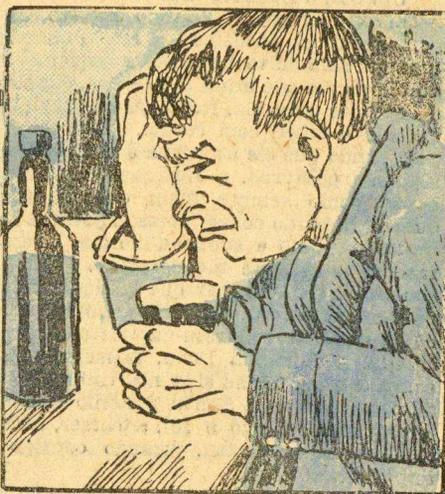
Por muito tempo, pai e filha viveram uma vida modesta mas sossegada, até que, uma vez, o operário levado por uns companheiros, entrou numa taberna, com tentções de não se demorar. O demónio, porém, tentou-o e só passadas muitas horas voltou para casa, atordoado e vacilante. A filha afligira-se mas como, desde que a mãi morrera, era a primeira vez que via o pai naquele estado, pensou que o facto se não repetiria. Infelizmente enganou-se. No outro dia o operário tornou a beber e, dali em diante, voltava para casa sempre embriagado. A Maria da Luz chorava muito e o pai, nos momentos de lucidez, vendo-a triste, beijava-a e prometia-lhe não tornar a entrar na taberna. À tarde, contudo, ao sair da oficina, a

tentação dominava-o e êle não lhe sabia resistir. E, assim, o demónio do alcool, foi-se apoderando dele, tornando-o um escravo inconsciente do vício, até que o pobre homem, que tinha sido um operário diligente e um extremoso pai, fez-se preguiçoso, renitente ao trabalho, chegando, ainda, a ser máu para a filha. Esta soffria imenso mas não conseguia detê-lo no perigoso caminho para a desgraça.

Naquela casa humilde mas remediada, entrou um dia a miséria. O dinheiro acabou-se e a Maria da Luz teve de vender umas coisas para que o pai tivesse de comer. Depois foi vendendo tudo, até à altura em que nada havia já que pudesse ser vendido. Pai e filha tiveram fome e a pobre pequena tomou a resolução de ir pedir esmola; de esmolas êles passaram a viver, pois que o operário já não ganhava. A sua má conduta fizera-o ser despedido da fábrica e o vício horrível que se apoderara completamente dele, impedia-o de ser aceite em qualquer outro lugar.

Um dia, a Maria da Luz voltou para casa desolada porque quási nada trazia e não sabia como conseguir arranjar que comer.

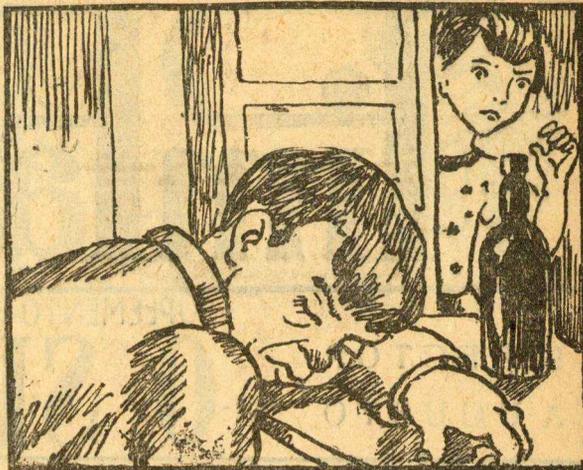
Sentada na sua camita, a pequena chorava amargamente, quando, de repente, teve uma idéa. Lembrou-se vagamente que a mãi, antes de morrer, lhe confiara uma caixa que guardava um Santo António de madeira, já muito antigo e que ela conservava como uma reliquia. Dizia que o santo era milagroso e que tudo quanto lhe pedissem êle satisfaria. A Maria da Luz foi, então, buscar a caixa que abriu. O santo ali estava, deitado numa macia almofadinha. A pequena pegou-lhe vagarosamente e pô-lo em pé. A-pesar-de grosseiramente esculpido em madeira, aquele Santo António tinha uma beleza majestosa e suave. Havia no seu rosto, cândido, uma como que centelha de vida e o olhar era cheio de bondade e tristeza. A Maria da Luz não tinha sido educada religiosamente; a mãi morrera sendo ela muito novinha e o pai era bom e honrado mas descrente. Procurara o santo só porque se lembrara que o poderia vender, porém ao vê-lo tão belo, sublime na sua simplicidade,



o coração magoado de Luzita sentia-se consolado e a pequena não pensou mais em desfazer-se dele.

A mãe tinha-lhe dito que o Santo António era milagroso. Quem sabe se não lhe faria o milagre de curar o pai? A Luzinha, então, ajoelhou, ergueu as mãos e suplicou-lhe que assim fizesse. O santo ouviu, certamente, o seu pedido, porque a pequena julgou ver-lhe nos olhos uma expressão consoladora e nos lábios um sorriso animador.

Desde então, a Maria da Luz tornou-se mais alegre, na esperança de que a imagem fizesse o milagre. Todas as manhãs lhe pedia que salvasse o pai e sempre julgava ver no rosto do Santo António a mesma risonha e suave expressão, como que a dizer-lhe que tivesse paciência e confiança.



Um dia, a Luzinha veio para casa triste, sem dinheiro e cansada de andar. Quando entrou, viu o pai a dormir com a cabeça encostada à mesa, onde se via um copo e uma garrafa de vinho vazia. A pequena lembrou-se, então, do tempo em que eram tão felizes, quando ele trabalhava e era bom para ela. Revoltou-se, amaldiçoou o seu triste destino e olhou com cólera, quasi com desprezo, para o pai. Vendo que ele acordava e balbuciava vagarosamente algumas palavras, a Luzinha, em vez de o ir abraçar e beijar, como sempre fazia, entrou apressadamente no quarto, batendo com a porta. Ajoelhou em frente do seu Santo António e suplicou-lhe que tivesse piedade dela, fazendo o milagre tão desejado. Qual não foi, então, o seu espanto, ao notar que qualquer coisa tinha mudado no rosto dele. A expressão risonha desaparecera e os olhos do Santo fitaram-na tristemente e pareciam consolá-la. A Luzinha ficou, primeiro, estupefacta, depois compreendeu. Tinha sido má, tinha tido um pensamento de má filha e o Santo António zangava-se com ela. Arrependeu-se logo e foi, a correr, abraçar o pai e fazer-lhe muitas festas, jurando consigo nunca mais se impacientar.

Nesse dia, a Luzinha não tornou a olhar para o rosto do Santo. Receava ver ainda o mesmo olhar de censura; mas, na manhã seguinte, uma alegria a esperava. A expressão animadora voltara e o Santo António tornava a sorrir-lhe, suavemente.

Os dias foram passando e a Luzinha era sempre a mesma boa filha, trabalhando muito para que nada faltasse ao pai e procurando desviá-lo do vício. Não perdia a coragem e não deixava de esperar, confiadamente, no milagre do Santo António.



Este continuava a animá-la com o seu sorriso, que parecia dizer-lhe que tivesse paciência e fé no seu poder.

Um dia, finalmente, a bondade da Luzinha e o grande amor filial de que dera provas, foram recompensados. Quando estava ajoelhada aos pés de Santo António e lhe fazia a súplica costumada, o pai entrou no quarto sem que ela o pressentisse. Não tinha bebido quasi nada e pôde compreender as palavras que a filha dizia por entre lágrimas. Percebeu, então, quanto a sua Luzinha sofria e, vendo-a tão pálida e abatida pelo trabalho a que se obrigava por causa dele, teve desprezo e horror por si próprio. Curvando a cabeça, saiu do quarto sem que a filha o sentisse, com a firme resolução de não tornar a beber e de voltar ao trabalho para que a sua adorada Luzinha deixasse de sofrer e de sacrificar-se. O pobre homem estava sinceramente arrependido e curado do vício que o tinha escravizado.

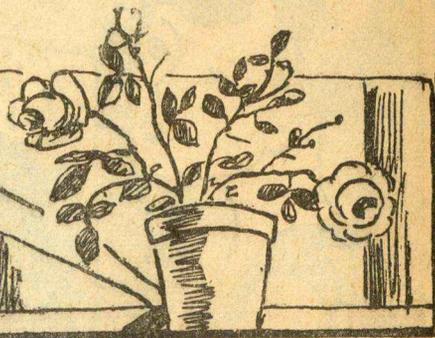
Santo António fizera o milagre!

Quando, nessa tarde, o operário voltou para casa, completamente lúcido, a Maria da Luz ia endoidecendo de alegria. O seu pai, o seu querido pai que tanto amava, voltara a ser o mesmo, nunca mais beberia e agora eles iam outra vez gozar a felicidade de outrora, na casinha humilde mas de novo ditosa.

O operário, readmitido no antigo lugar, começou a ganhar e a transformar-se no trabalhador enérgico e honrado que tinha deixado de ser e a Maria da Luz não tornou a chorar, pois que era, agora, inteiramente feliz.

No rosto belo de Santo António, nunca mais se apagou o suave sorriso que tinha consolado a Luzinha e que a aconselhara a ser sempre uma boa e respeitosa filha.

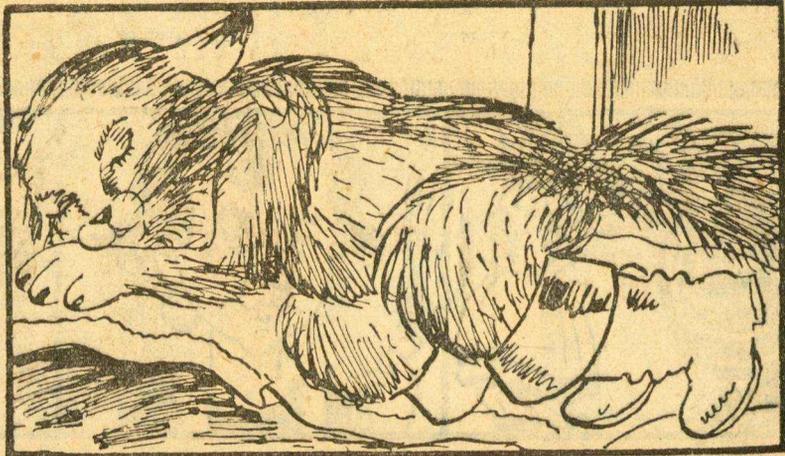
■ F I M ■



COLABORAÇÃO INFANTIL

# HISTORIA DUM GATINHO

por Ayres Manuel de Oliveira  
e Silva Teixeira, de 14 anos



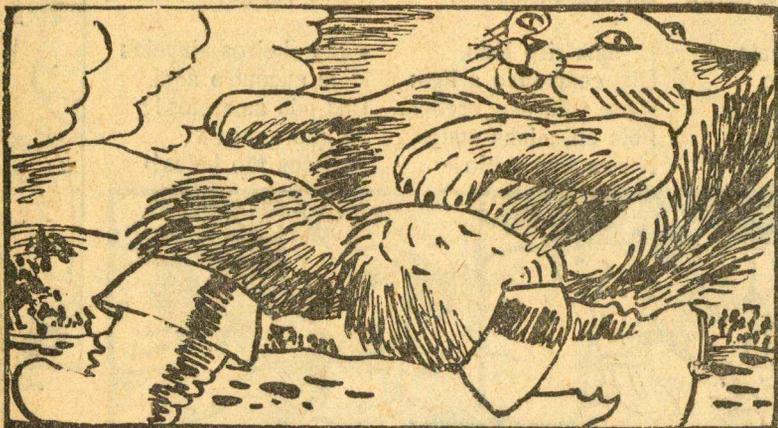
**H**AVIA um gatinho,  
Em eras remotas,  
Muito bonitinho,  
Que andava de botas.

Seu pêsinho branco,  
O chão não tocava.  
Nem côxo nem manco;  
Direitinho andava.

E, com muita graça,  
Elegante e leve,  
De francesa raça,  
Branquinho de neve.

Dormia enroscado  
Na cama da dona,  
Como embriagado  
A coser a môna.

Não queria aprender  
A caçar os ratos  
Mas ia lamber,  
Apressado, os pratos.



As mèsas saltava  
Como um esfomeado,  
Se a dona o sovava  
Ficava espantado.

Deitava a fugir,  
Escandalizado  
Por mal se sentir  
Assim fustigado.

Lá se ia deitar,  
Mesmo de sapatos,  
Na cama a rosnar,  
No rom-rom aos gatos.

# MANECAS E ANTONINHO

Por MANUEL FERREIRA

**C**OMO de costume, no  
ano seguinte àquele  
em que se deu a sen-  
sacional conversa en-  
tre Manécas e Anto-  
ninho, este foi passar as férias à  
sua casa dos arredores de Lisboa.

Numa tarde, à sombra do arvo-  
redo, Antoninho respirava o ar  
puro dos campos, seguindo, inter-  
essado, a faina curiosa das ceif-  
as. Ouvia as canções das rapa-  
rigas e os ditos espirituosos dos  
saloios. De vez em quando, uma  
perdiz, em vôo baixo, passava  
sôbre os trigos...

Manécas, sorridente e zombe-  
teiro, aproximou-se

— Viva lá, menino Antoninho, ..



Então, que me diz dos trabalhos  
do campo?

O menino fino percebeu a troça,

Sorriu-se, irónico. E o rapaz con-  
tinuou:

— Então, quando é que vê nas-  
cer o sol?

Antoninho não dizia nada. Pa-  
recia distraído. E Manécas ins-  
tou:

— Se queres, amanhã vou bus-  
cá-lo a sua casa. Aí por volta das  
cinco horas da madrugada tem  
de estar a pé... Vamos ao cimo  
daquele oitêro, porque dali tem  
uma vista!... Até se vê Lis-  
boa...

Insistiu:

— A gente pranta-se lá em  
dez minutos...

E apontou um monte muito  
distante...

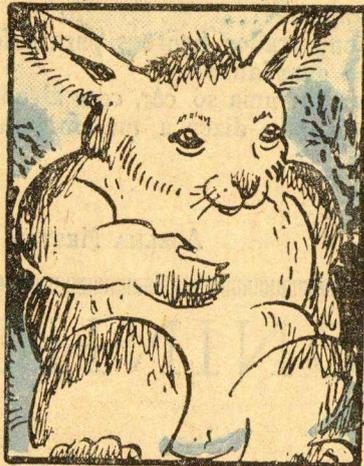
(Continua na página 6)





transformar-se num amigo!  
Que milagre da ciência!

As lebres, entusiasmadas  
té davam saltos mortais!  
Se iam ser fotografadas,  
e faladas nos jornais!  
Que era imprudência, insistiram  
alarmados, os coelhos,  
mas à inveja atribuíram  
seus assisados conselhos.  
Havia uma lebre entre elas  
a que chamavam a Ripas,  
por ser uma magrizelas,  
ser um pau de virar tripas.



Desde que o sábio chegou,  
a toleirona da lebre  
porque êle lhe não falou  
andava cheia de febre.

As lebres tôdas, em massa,  
acorreram nesse dia  
em que, para ver-lhe a raça,  
o Lambão as reünia.  
E que lindos exemplares  
num instante ali surgiram,  
eram centenas, milhares,  
que nesse lôgro caíram.  
O que queria o Doutor,  
já se está a adivinhâr,

era escolher a melhor  
para depois a papar.

Lá apareceu, também,  
a Lebrisca Papa-Açorda  
que nem se mexia bem  
por ser gorda, muito gorda.

Dona Ripas não faltou.  
Ao topar tal concorrente  
té quási que desmaiou...  
mas exclamou: — «Para a frente!  
A-pesar-de ser magrinha  
eu hei-de vencer as mais.  
A vitória vai ser minha,  
hão-de ver-me nos jornais!»  
Quando lhe chegou a vez



de ao Lobo se apresentar  
querem saber o que fez?  
Disse, sem se atrapalhar:

— «Ilustre sábio Lambão,  
ouvi meus simples dizeres  
que apenas resumo são  
dalguns doutos pareceres.  
A sábia Dona Carraça,  
que à ciência se consagra,  
afirma que a nossa raça  
é mais saborosa, magra.  
Confirma-o Doutora Zebra  
que disse:— A gordura em excesso,



torna sem sabor a febra... —  
disse-o mesmo num congresso.  
Também o sapiente Onagro  
proclamou em alto tom:  
— O corpo deve ser magro  
para o tutano ser bom. —

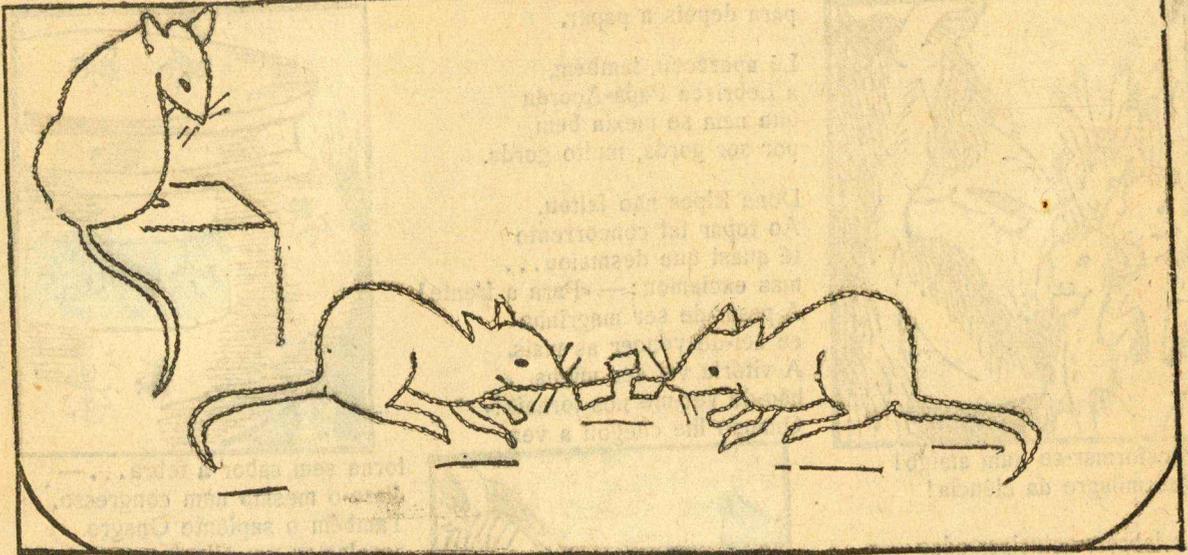
Garante o Urso selvagem  
que é lebrólogo eminente,  
que do magro a cartilagem  
até se dá a um doente.  
O Furão, na Academia,  
defendeu estas doutrinas:  
que o sangue da lebre esguia  
tem muito mais vitaminas.



E quanto à estética rácica,  
quem compara, quem mistura  
a linha elegante e clássica  
à flacidez da gordura?  
Por isso, em grito vibrante,  
vos afirmo, senhor meu,  
a melhor representante  
da nossa raça, sou eu.»

Tudo ali ficou banzado  
ao ouvir tanta intrujice!  
O que ela tinha inventado!  
Que portentosa aldrabice!  
Pensa o Lobo: «Que fazer?»

(Continua na página 7)



# O CESTINHO da COSTURA

SECÇÃO PARA MENINAS por ABELHA-MESTRA

*Minha querida Luizinha:*

Escuta o que te conto.

Estes ratinhos descarados, ladrões gulosos e sem medo, todos dentro da despensa, ao queijo chamam um figo e vê como eles o comem com ar tão atrevido!

Naturalmente o «Tareco» dorme, e por isso o ratinho come, come, come...

Um outro, que se entretém em cima da mesa, olha neste momento os companheiros e foi assim que eu apanhei, na festa, os três ratoneiros!

Quando apareci, loucos de terror gritaram: — «Salve-se quem puder!»

O queijo ficou meio comido e os ratos... pernas para que vos quero?!...

Gostas destes engraçados figurões para enfeitar o saco do teu guardanapo

Borda-os a todo de uma só côr, com algodão perlé brilhante e manda dizer à tua amiguinha se ficaste contente.

Um abraço da

ABELHA MESTRA

# MANECAS E ANTONINHO

(Continuado da página 3)

Antoninho continuava calado. — Olhe lá, o menino desde que, Juntavam-se rapazes em algazarra. no ano pasado, se foi embora de E o Manécas continuou: cá, já foi alguma vez ao campo?



O menino rico sorriu-se e falou, então:

— Imensas vezes. Todos os domingos. E — disse êle, enigmático — tenho ficado no campo, muitas vezes...

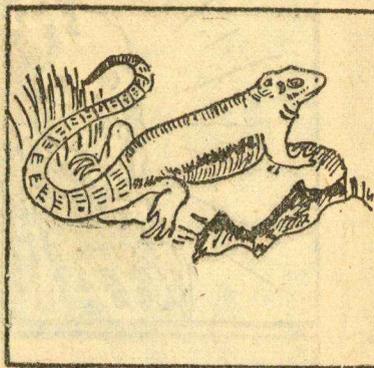
Manécas ficou assombrado. Perguntou:

— Se calhar, tem ido a algum lado, de passeio, com os seus papás...

— Isso sim. Tenho ido ao campo com rapazes assim como eu. Ficamos debaixo de barracas, de sábado para domingo. Neste dia, à tarde, vimo-nos embora...

Mais arvalhado ficou ainda o

# CONCURSO DOS BICHOS



## ANEDOCTA HIEROGLIFICA

(Solução do número anterior)

Passando, um dia, pela manhã, um corcunda perto de um homem cego dum olho, este disse-lhe: «Tão cêdo e já tão carregadinho?! «Ao que o corcunda, imediatamente, respondeu: «Vê-se bem que é cêdo na sua casa pois lhe vejo só uma janela aberta.»

filho do caseiro. Inquiriu, curioso:

— Debaixo de barracas?

— Sim — respondeu Antoninho.

— Juntamo-nos aí uns oito, (uma patrulha). Vamos para o campo, fazemos o comer, passeamos, corremos, saltamos...

— E vêm nascer o sol? — perguntou um petiz, incrédulo.

— Ora se vemos — respondeu Antoninho com ares superiores.

— Muito antes do sol nascer já nós andamos a tomar o ar puro. E, olhem lá, vocês sabem fazer comida?

— Não, não sabemos — respondeu Mauécas.

— Eu sei assar maçãs — respondeu outro rapazito.

— Pois eu sei cozinhar para a tal patrulha. Vocês sabem deterenciar os cogumelos bons dos venenosos?

— Não sei — respondeu Manécas.

— Mas, o menino sabe?

— 'Tá visto que sei. E sei muitas outras cousas. Por exemplo, tu, há bocadinho, disseste-me que o tal outeiro é muito perto daqui...

— E é... — interrompeu o filho do caseiro.

— Pois não é. Não leva só dez minutos a chegar lá. Eu já estive ali acampado. Nem daqui a duas horas. Vocês, os saloios, quando

## Solução das charadas e adivinhas

Solução das adivinhas:

Papagaio — Palmatória — Caminha.

Solução das charadas:

Arara — Camelo — Cenário — Gaiola Agosto.

vêm uma montanha ao longe dizem sempre que é perto. Como se fôsse ali ao voltar da esquina...

O Manécas estava agora inferiorizado ante o Antoninho.

Preguntou:

— O menino falou em acampar. O que é isso?

— Acampar — respondeu Antoninho — é viver no campo, passar as noites debaixo duma barraca, fazer o comer, ir buscar água, observar os animais e as plantas, subir às árvores, viver, enfim, em contacto com a Natureza,

Os escoteiros com os seus acampamentos conhecem a saúde, a força, a energia.

— O quê? — interrompeu o Manécas. — O menino é escoteiro?

— Sou, sim. Porque fazes essa pergunta?

— E' porque o senhor professor primário anda, pelos jeitos, com vontade de fundar um grupo aqui na aldeia. Eu como não sabia o que era, não me interessava. Mas, agora, vou entrar para o grupo...

Então, meus meninos, não foi também útil a atitude do Antoninho?

F I M

## O LOBO e a LEBRE

(Continuação da página 5)

Ante a dúvida específica qual dessas duas comer, a gorda, ou a científica? A magra faz tal reclame à sua carne tão bela, que até chega a ser vexame se eu a não comer a ela! E enquanto o Lobo a engulia sem grande aprêço mostrar, a bicharada fugia para ali não mais voltar.

Mas, segundo me disseram, foi depois dessa ocorrência que as lebres tôdas descreeram dos milagres da ciência.

Tem moral este aranzel: «Seja bicho ou seja homem, aquele que se faz mel, já sabe, as mósas o comem.»

## CHARADAS

### CHARADAS COMBINADAS

- + a = querida
- + a = viela
- + a = artigos
- + a = parte do ovo
- Conceito: Veículo
- + o = apelido
- + o = desejo animal
- + o = nome
- + o = adv. rbio
- Conceito: Veículo

### CHARADAS EM FRASE

Naquela moradia este animal tem um abajo. 2-1 *casaca*  
No alto deste rio vejo as lezírias.  
-2-2 *mulher*  
Esta mulher tão formosa lembra uma actriz de cinema. -2-2

*luna*  
*luna*  
*Bela*

# O PERÚ VAIDOSO

Por

*Feliz Ventura*

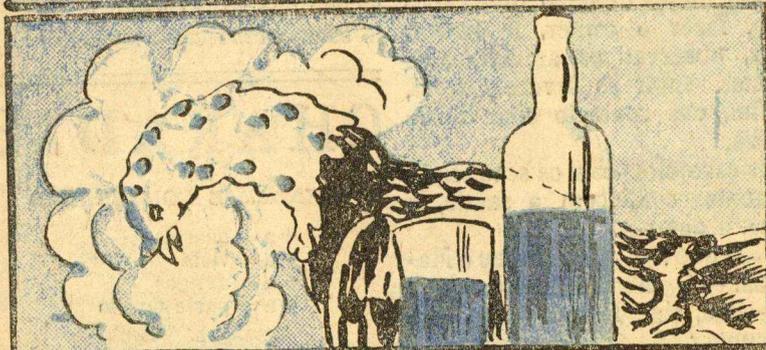
Na capoeira,  
Lá do solar  
Do velho Conde  
De Miramar,  
Certo perú,  
Grande e formoso,  
Que, de entre todos,  
Era o maior,  
Fez-se vaidoso,  
Por se julgar  
Superior.

E, sem descanso,  
Dizia assim :  
— «Glú, glú, glú, glú...  
Quem é que vem  
Para admirar  
Este perú  
Que não tem par  
E que é o rei  
Nas capoeiras  
Dêste solar?»

Certo e sabido:  
Não era querido  
Nem bem olhado.  
Pelo contrário  
Considerado  
(E com razão)  
Grande pateta  
E toleirão.

Tantas tolices,  
Tantas, dizia,  
Que já ninguém  
Caso fazia.

E éle, emproado,  
Todo arrufado,  
Comia bem,  
Dormia bem  
E pelos outros  
Desprezo tinha,  
Quer fôsse pato  
Frango ou galinha.



Ora uma vida  
Desta maneira,  
Não era má.  
Com tais prazeres  
Nem um pachá!

Mas, certo dia,  
A cozinheira  
Na capoeira  
Resolve entrar.

As outras aves  
Tôdas tremiam;  
Já do escolhido,  
A sorte viam.

Nisto o perú  
Tão arrufado  
Foi sem demora  
Dali levado;  
Pois, de entre todos,  
Era o mais gordo,  
Mais anafado!  
E, dentro em pouco,  
O tal perú  
Que se dizia  
De todos rei,  
Foi, na cozinha,  
Embebedado  
Bem degelado  
E depenado.

Horas depois,  
Já bem cozido  
Numa travessa,  
Foi rodeado  
De batatinhas  
Muito lourinhas.

Por aqui, vêdes  
Que é bem verdade  
Ser a vaidade  
Mal de temer.  
Pois que serviu  
Ao tal perú  
Vaidoso ser?